



TRIBUNA Livre

20
JUNHO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 62113 - AMARES

MARGARIDA ROSA Princesa e Diplomata

Por EME

É um nome lindo de princesa e melhor diríamos, até, que a esbelta irmã de Isabel II de Inglaterra tem, realmente, um nome principesco em toda a acepção da palavra: Margarida, que tanto pode ser flor como poderá significar «pedra preciosa»; Rosa, que é a rainha das flores e reina poderosamente em Portugal.

Como Rosa que é — preciosa em dotes naturais e do sangue, e também pelas suas altas qualidades diplomáticas, largamente experimentadas em múltiplas missões — deu-se admiravelmente em solo português, podendo afirmar-se que durante a curta estadia entre nós, Sua Alteza Real reinou, preciosamente, entre os portugueses que quase pretendiam elegê-la rainha efectiva; sem dúvida, que esta Rosa, enraizou neste «Jardim da Europa...».

Margarida Rosa ficou, efectivamente, a fazer parte dos canteiros ajardinados de Portugal e como mimosa flor foi e continuará a ser tratada na peregrina recordação dos portugueses. Cremos também que o seu sensível coração de amorosa, que também é, tenha enraizado aqui, nesta Nação que tantos laços de amizade prendem à Sua.

E se Margarida Rosa se tivesse, realmente, perdido a Portugal, a este Portugal másculo que sabe, efectivamente, cativar princesas?

A nobre Filipa de Lencastre, sua antepassada, por aqui ficou também; e que admirável Senhora! Que preciosa mãe, que exemplar esposa, que diplomata, que extraordinária mulher esta que nos deu a Inclita Geração, abundantemente temperada pela sua austera educação anglo-saxónica!

Esta aliança de sangue, foi o mais forte elo de ligação entre as duas Pátrias Atlânticas, talhadas pela Providência para dar exemplo ao Mundo do quanto pode a lei da tolerância e do bom senso que, durante seis séculos, permitiu manter em pé a Aliança Anglo-Lusa, o mais antigo instrumento diplomático que existe.

Não punhamos dúvidas em que Sua Alteza Real a Princesa Margarida Rosa veio, embora numa visita extra-oficial, fortalecer também, ainda mais, se possível, esta singular Aliança, com a sua presença de Infanta do Século XX — desportiva, desempoeirada, culta, insinuada e presuassiva, em suma: distinta nas suas qualidades diplomáticas, tanto como na sua mesma delicadeza e graça feminina, que encantam.

Uma coisa é certa: Portugal foi a Inglaterra

(Continua na 4.ª página)

Decorreram com particular grandeza as Festas a Santo António e do Concelho

Também este ano, tal como se previra pela fama angariada nos anos anteriores, as nossas Festas decorreram com a maior frequência de forasteiros, entusiasmo a rodos, grandiosidade que nos honra!

Em verdade, nenhum meio seria mais propício para tornar conhecida a terra. Todos o compreenderam de há muito e daí esta certeza animadora: as Festas não são de ninguém, por serem de todos. Todos sentem que têm de contribuir e colaborar.

Nos primeiros anos, a satisfação lembrava-nos também a incerteza da sua continuação, pois se receava que o esforço era demasiado e podia causar saturação.

Hoje, o problema não se põe. A fama garante-lhe a importância e os novos meios que se foram conseguindo ajudam à solução dos encargos. Neste aspecto o ambiente é de tal maneira animador que durante anos as Festas não deram prejuízo e não se teme esse facto.

Buscam-se novas receitas para as engrandecer sempre ou para evitar meios de angariar que são demasiadamente trabalhosos para os resultados que dão e absorvem em demasia a Comissão.

Ao que nos consta, e a informação é segura, a Câmara, no próximo ano, além das facilidades que vem concedendo e que já representam bastante milhares de escudos vai conceder um subsídio, até porque as Festas são concelhias. Pequeno, porque as receitas não o permitem, mas de qualquer forma uma ajuda muito de apreciar.

No último número referimos os actos realizados na sexta-feira, incluído a Feira Franca e Concurso Pecuário, do qual vamos hoje dar os resultados.

(Continua na 2.ª página)

A INAUGURAÇÃO da nova estação dos G. T. T. decorreu com a maior solenidade e entusiasmo e com a presença das mais representativas autoridades do Distrito e do Concelho.

No passado domingo, decorriam as Festas a Santo António, o Largo e as artérias principais estavam ornamentadas, no ar estoiravam foguetes, as músicas faziam ouvir os seus acordes, muitos milhares de pessoas estavam entre nós, quando chegaram as autoridades para inaugurar a nova estação dos G. T. T., magnificamente situada e arranjada a fino gosto, de modo a merecer a classificação de «amorosa estação da Feira Nova».

Há pouco foi inaugurada a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo e agora a estação e decorreram obras que nos possibilitam novas e importantes inaugurações a atestarem o progresso em que vivemos e queremos continuar.

Aperceberam-se disso todos os ilustres visitantes que tivemos a honra de ter entre nós, que a par do brilhantismo das Festas que

(Continua na 2.ª página)

CARTA ABERTA a Bourenses, Amarenses, Terra Bourenses e aos Portugueses de boa vontade:

Escrevo-vos, a já ver bruxulear uns, ainda débeis, lampejos de nova época do bem almejado progresso deste maravilhoso rincão de fé e de beleza — que é a Abadia.

Quando, por toda a parte, se admiram grandes melhoramentos, algumas vezes mal justificáveis, na Abadia, brindada pela Natureza com surpreendentes encantos e enriquecida pela Providência com o primeiro culto, em terras da Península, à Virgem Mãe de Jesus, confiando-Lhe a sublime missão de Dispensadora do portentoso manancial de graças que, há nove séculos, com tanta magnanimidade aqui vem distribuindo, muito é de estranhar que este auspicioso alvorecer de renovação e engrandecimento tanto tenha demorado.

A quem atribuir a culpa de tão contrariante estagnação?

A todos que se deixaram adormecer, talvez embevecidos na contemplação do muito que fizeram os nossos antepassados, e não se beram seguir-lhes o dignificante exemplo de fé, de amor e de abnegação, que tão carinhosamente nos legaram.

O entibiante e sempre nefasto pecado de negligência e desleixo, que lastimosamente se cometeu, precisa ser condignamente reparado.

Esta época das mais extravagantes velocidades, mas também de vivas e criadoras actividades, de maneira alguma se pode compadecer com entorpecimentos que deprimam, com marasmos que arruinem e desmoralizem.

Reagindo contra tal modorra, que também desonra e aniquila, escrevi «O ressurgir da Abadia» apresentando um plano de melhoramentos absolutamente indispensáveis e urgentes ao ressurgimento desta maravilhosa estância de piedade. Tem merecido este livro as mais francas referências de jornalistas, escritores, publicistas e de outras pessoas de larga cultura.

Apenas duas apreciações, sendo uma de um Amarense de destaque, e outra de um Bourense ausente:

«... interessantíssimo livro de que tanto gostei e que tão actual é nesta hora de egoísmo... «Oxalá que ele tenha o eco que merece e fale às almas boas deste País, mas sobretudo desta região».

Diz o segundo: «O ressurgir da Abadia» «nada tem que se possa dispensar ou despre-

(Continua na 6.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

«Para que por huma vez o cesse escandaloso abuso que nesta parte da Disciplina Eclesiástica se introduziu, que podia de alguma sorte descupar-se nos últimos calamitosos tempos, mas q. já hoje felizmente se não pode tolerar, ordeno que todo o Eclesiástico, de qualquer ordem que seja, nas Funções Sagradas uze dos hábitos talaes, na forma determinada na Pastoral que a semelhante resp.to expedio o Ex.mo Sr. D. Miguel da Ma-

(Continua na 4.ª página)

Dr. Flávio Pereira Martins de Sousa

Acaba de ser promovido à primeira classe e colocado em Lisboa, o sr. dr. Flávio Pereira Martins de Sousa, Delegado do Procurador da República na comarca de Vila Verde.

Magistrado íntegro e cumpridor, deixa entre todos as maiores simpatias pelo seu trato afável e pela atenção que a todos dispensava.

Regosijamo-nos com a sua promoção e desejamos-lhe as maiores felicidades.

Os serviços da D.C.T. no nosso Concelho

Conforme estava marcado, realizou-se, nos Paços do Concelho, no dia 15 do corrente, às 15 horas, uma reunião da direcção concelheira da D.C.T. com os presidentes das Juntas de Freguesia e Regedores a fim de ser esclarecida a nossa participação na organização do País daqueles serviços.

Presidiu o sr. D. Nuno Luís de Carvalho Daun e Lourença, presidente da Câmara, rodeado pelos senhores Professores Manuel Antunes, Delegado do Comando Distrital de Legião Portuguesa, P.º Albino José Fernandes Alves, Dr. António José da Costa e João Barbosa de Macedo.

O sr. Presidente do Município iniciou os trabalhos, falando da necessidade desta reunião e apresentando aos presentes o sr. professor Manuel Antunes.

Este passou a ler e comentar um longo e bem elaborado trabalho no qual se designaram os centros urbanos a eva-

(Contius na 3.ª página)

Festas de Santo António

Continuação da 1.ª página

Concurso Pecuario

Resultados

1.ª Secção — Touros reprodutores:

1.º e 2.º prémio — António Augusto Antunes Araújo, Proselo-Amare, 150\$00 e 100\$00;

2.ª Secção — Novilhos Castrados, 1.º prémio José Francisco Pimenta Gomes, S. Paio Pico, Vila Verde, 150\$00; 2.º

prémio José Joaquim Tinoco, Aguas Santas — Póvoa de Lanhoso, 100\$00; 3.ª Secção

Bois de Trabalho, 1.º prémio Silvestre Peixoto Gomes, Mós, Vila Verde, 200\$00;

2.º prémio Augusto José de Magalhães, Amare, 150\$00;

4.ª Secção — Bois de Ceva: 1.º

prémio José Soares, Caldelas, 200\$00; 2.º Manuel de Almeida, Fiscal, 100\$00; 2.ª

Secção — Vacas de Criação e Trabalho: 1.º prémio José

Maria Alves, Caires, 200\$00; 2.º

prémio José dos Santos Menezes, Feira Nova, 100\$00;

3.ª Secção — Novilhas: 1.º

prémio, Albano da Costa Cerqueira, Pico, Vila Verde, 100\$00;

2.º prémio Manuel Joaquim Pinheiro, Amare, 50\$00;

1.ª Secção Vacas Leiteiras: 1.º

prémio António Augusto da Silva, Feira Nova, 120\$00;

2.º e 3.º Paulo Barbosa de Macedo Feira, Nova, 80\$00 e 50\$00; 4.º

prémio António Augusto da Silva, Feira Nova, 50\$00 — Secção

única — porcos de Engorda Prémio único, Paulo Barbo-

sa de Macedo, 100\$00; 1.ª

Secção — Porcas de Criação Prémio único, Mário Ant. Ramos de Azevedo, Feira

Nova; 2.ª Secção — Porcas de Criação Prémio — único

João Barbosa de Macedo, Feira Nova, 50\$00.

Procissão

No sábado de tarde realizou-se a costumada procissão em honra de Santo António-manifestação de crença que de há muito tempo nos honra e se reveste sempre duma grandiosidade pouco vulgar.

Um cento de anjinhos, outras figuras alegóricas, andores, muito povo, tudo a dar-lhe um aspecto grande que trouxe a este acto a honra de ser um dos que mais carinho nos merece e daí o facto da Comissão não se poupar, nem a esforços nem a despesas.

Arraial

O arraial feito nos recintos da Associação dos Bombeiros Voluntários, experiência tentada pela primeira vez, excedeu toda a expectativa.

O programa era de si atraente, ora pelas instalações, ora pelos ranchos e duas orquestras que nele tomaram parte. Mas surpreendeu, e felizmente de maneira favorável, a freguesia que se verificou e a maneira elevada como tudo decorreu.

(Continuação da 1.ª página)

decorriam viram edifícios a erguerem-se, uma rua que surge e tantas outras obras que falam do esforço da nossa gente.

A estação dos C. T. T. deve-se especialmente ao trabalho desenvolvido pelo sr. Dr. Manuel Arantes Rodrigues, quer na sua criação quer ainda pelas obras que levou a cabo para adaptar um dos seus prédios, sendo ajudado pelo sr. Presidente do Município em tudo que de si dependia.

O trabalho do sr. Dr. Arantes Rodrigues para esta solução vem-se desenvolvendo há anos e o mérito da realização é ainda maior porque também neste caso, como infelizmente em todos que surgem, teve de enfrentar as queixas injustas e a intriga de uns tantos que nada fazem mas aparecem sempre a inventar fantasmas.

Com esta dependência, incluída no «Plano de Instalação e Reinstalação de Pequenas Estações da Província», ascende a 1-2 o número das instalações completadas em colaboração com as autarquias locais, empresas comerciais, indústrias e agrícolas e simples particulares.

A estação, que está tecnicamente apetrechada para bem servir no presente e no futuro as necessidades dos povos da freguesia, foi mobilada com sobriedade e bom gosto. Um formoso jardim dá acesso à estação, que possui também instalações para a residência do seu chefe.

A's 16 h., chegou ao local o chefe do distrito e o presidente do município, bem como as restantes autoridades, sendo aguardados e cumprimentados pelos srs. eng.º Couto dos Santos, correio-mor eng.º Diamantino de Carvalho, chefe da Circunscrição técnica dos C. T. T., Alfredo de Sá Pereira, chefe da Circunscrição de Exploração da Província do Minho e seu adjunto sr. Adriano de Carvalho, eng.º Vilela Bouça, dos Serviços de Edifícios dos C. T. T., agente técnico de engenharia Vieira Correia, dr. Manuel Arantes Rodrigues, juiz do Julgado Municipal, etc.

Uma banda de música, postada em frente do novo edifício, tocou várias marchas e foi sob uma intensa chuva de flores que as autoridades deram entrada na estação. Duas meninas ofereceram dois belíssimos ramos de cravos ao correio-mor e ao governador civil.

A cerimónia da inauguração principiou com a bênção do novo edifício, cerimónia a que procedeu o rev. padre Albino José Fernandes Alves.

Estavam presentes, além das autoridades e entidades já citadas, os srs. dr. Felício Campos, presidente da Junta de Província do Minho; dr. Teófilo Esquivel, presidente da Comissão Distrital da União Nacional; dr. António Pestana da Silva, presidente da Comissão Distrital de Doutrinação e Propaganda da União Nacional; dr. António Rebelo Futoso de Melo, delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência; dr. Azeido Soares, corregedor do Circulo Judicial; tenente Pompeia Xavier, comandante adjunto da PSP; tenente Delmar Fernandes, coman-

Como novidade as Festas apresentaram uma Banda Espanhola, União de Lantano, Pontevedra, cujos méritos se denunciam. Desde logo se propalou que aquela Banda era magnífica e foi por unanimidade que os nossos apreciadores lhe teceram os maiores elogios.

Pertencente a um meio pequeno os seus executadores são muito bons e o conjunto digno melhor nota.

Também aqui as festas estão de parabéns.

dante adjunto da G. N. R.; dr. Eduardo Gonçalves, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional; dr. António José da Costa, João e Paulo Barbosa de Macedo, Américo Dias Pisão e sua esposa D. Luzia Pisão, eng.º agr.º Inácio Teixeira da Mota, dr. José Fernandes, D. Miguel Sotto Mayor, presidente da Junta de Freguesia, Comendador Ferreira Arantes, dr. Avelino da Silva, José Manuel de Macedo, vereadores e conselheiros municipais, muitas senhoras, etc.,

O Correio-Mor fez uma breve história da obra feita na instalação das pequenas estações da província.

O eng.º Couto dos Santos, correio-mor, abriu a série de discursos com breves palavras em que fez a história do «Plano de Instalação e Reinstalação de Pequenas Estações da Província», no qual se insere a estação agora solenemente inaugurada.

A obra levada a cabo é já importante, mas ainda está longe de atingir o seu termo. Das 800 instalações existentes, ainda só foram beneficiadas 151. Também nesta matéria, o Estado Novo partiu do zero, pelo que o que está feito se deve à sua administração elarividente.

Agradeceu, mais adiante, ao presidente do município de Amare e ao dr. Arantes Rodrigues o impulso que haviam dado para que fosse possível aquela bela casa, onde a partir de então funcionaram os serviços locais dos C. T. T..

Por último, o correio-mor entregou ao sr. D. Nuno Pombal a chave do edifício inaugurado, o que foi sablinhado com prolongadas salvas de palmas.

O discurso do sr. dr. Arantes Rodrigues

Seguiu-se no uso da palavra o sr. dr. Arantes Rodrigues que falou em nome da Junta de Freguesia. Começou por agradecer as atenções recebidas do sr. Correio-Mor e em seguida referiu-se largamente aos excepcionais dotes de inteligência e de isenção que o caracterizam para acentuar o quanto lhe deve o País, especialmente os serviços dos C. T. T.

Pediú vénia para referir também, por achar da maior justiça, o sr. Engenheiro Bouças e o sr. Sá Pereira, chefe dos serviços no Minho daquele departamento, como obreiros quem se deve muito do prestígio que os correios devem entre nós.

Fez referências elogiosas ao Senhor Governador Civil que nos deu a honra da sua presença que, agradeceu, e disse do regozijo que a terra sente em ver esta grande aspiração realizada.

Referiu-se ao facto de ser o alargamento da sede da Vila a mais cara ambição deste bom povo, o que felizmente já se conseguiu, para dizer que era esta a seguinte e mais lembrada obra que neste momento se concretizava aos olhos agradecidos de todos. Terminou por erguer um viva a Salazar, ao sr. Governador Civil e ao sr. Correio Mor, no que foi calorosamente correspondido.

O discurso do presidente da Câmara Municipal de Amare

Falou a seguir, o sr. D. Nuno Pombal, presidente do município de Amare, que disse:

«Começou esta cerimónia por onde devia: por um sacerdote, ministro e representante de Deus, benzendo esta casa. Na nossa divisa — primeiro Deus; depois a Pátria e nesta a força detentora da sua enorme vitalidade, a Grei,

isto é, os povos, nestes os seus interesses o Bem Comum. Chegamos aqui, teremos que nos debruçar com todas as nossas forças na sua realização.

Abstraídos os sacrifícios impostos à Grei para defesa da integridade da Pátria e seu natural engrandecimento — nesta época de paz armada em que vivemos — tenho para mim, que numa política que vise a total realização do Bem Comum nada pode superar a comodidade dos povos.

A Administração dos C. T. T., tão dignamente representada por V. Ex.ª, sr. correio-mor, temido como principal preocupação esta comodidade, quer construindo e alugando edifícios para a instalação dos seus serviços, quer apetrechando-os tecnicamente em pessoal e aparelhagem.

* * *

Eu deveria, como é uso corrente e generalizado, neste momento, agradecer a V. Ex.ª este melhoramento, no entanto e deliberadamente, não o faço.

Entendo, sr. Correio-Mor, que quem serve a coisa pública não tem jus a agradecimentos. Tem direito a ser premiado se bem cumpre, ou ser castigado pelos erros que comete ou lacunas que permite.

O maior prémio que existe nas minhas mãos é o louvor. E não se diga... eu bem sei, que o louvor para passar à posteridade e ficar exarado na folha de serviços, tem que emanar de um grau hierarquicamente superior, mas considero que ia o maior de todos, aquele que mais cala profundamente no coração dos homens, é o que os povos, por aclamação, proporcionam aos homens que bem os servem; e aquele é normalmente reflexo deste.

Muito me apraz louvar V. Ex.ª o mais elogiosamente, apresentá-lo às minhas mais calorosas homenagens pela obra, que V. Ex.ª a frente do amplo sector da administração pública que lhe confiamos vem proficuamente esguendo.

Eu deveria terminar, mas não o faço sem sublinhar mais um facto: o dever estritamente cumprido tem um limite. O homem pode ultrapassá-lo, mas para além já não é dever, é devoção e devoção, neste sentido, significa: boa-vontade, abnegação, sacrifício. Refiro-me à presença de V. Ex.ª neste acto. V. Ex.ª quis com a sua presença dar um brilho e uma projecção a esta inauguração que doutro modo não teria. Muito reconhecidamente lhe agradeço.

Sr. governador civil: é a segun-

da vez, desde que eu estou na Câmara Municipal, que V. Ex.ª oficialmente visita este concelho. Escusado é sublinhar a muita consideração que os povos que represento nutrem pela figura de V. Ex.ª. Mas não posso deixar passar esta oportunidade para afirmar publicamente a inteira solidariedade aos princípios e à acção do Governo de quem V. Ex.ª é tão digno delegado e, por intermédio de V. Ex.ª, endereçar os nossos mais ardentes votos de muitos anos de vida ao sr. Presidente do Conselho para que continue a grande revolução, não já para dar novos mundos, mas para dar ao mundo novos e dignificantes exemplos.

O chefe do distrito encerrou a sessão

O dr. António Abranches, governador civil do distrito, foi recebido por quentes ovações.

O chefe do distrito fez o elogio do Correio-Mor e dos serviços que proficuamente dirige, hoje considerados dos melhores da Europa. Aludido ao edifício enaugurado, diz da agradável impressão que colheu quando nele entrou. Sublinha também o calor do povo, que sabe entender e agradecer tão importante melhoramento — importante na escala das necessidades vitais das populações.

Prosseguindo, afirmou que as populações rurais e as suas exigências devem merecer todo o carinho de quem governa e diz que é fácil verificar-se o quanto isso é já hoje uma constante e operante preocupação do Governo do Estado Novo. O II Plano de Fomento dedica grande atenção aos problemas da ruralidade razão por que é justo esperar-se que, dentro de poucos anos, se verifique uma profunda alteração das infra-estruturas rurais.

A terminar, o chefe do distrito apela para a unidade de todos os nacionalistas do concelho, porque na unidade é mais provável o progresso material e mais certo o serviço dos interesses gerais.

Novas palmas demoradas e calorosas.

As autoridades e entidades presentes visitaram, mais tarde, todas as dependências da nova estação, melhoramento de vulto para a freguesia onde foi erguido.

Seguiu-se um «copo de água» que decorreu no seio da melhor camaradagem.

Eram cerca das 17 h. quando as autoridades deixaram a nova estação, sendo novamente alvo das aclamações populares.

Maria da Luz Baptista

Enfermeira-Parteira pela Universidade do Porto

RUA D. PEDRO V - 201 || TELEFONE, 30 29
(S. VICTOR) || BRAGA

Já não é um acontecimento fazer-se um fato com 2,25 de fazenda mas sei na verdade que se confirma dia a dia. E V. Ex.ª É dos que ainda duvida? Então visite.

ALFAIATARIA BELCORTE

DE José Eduardo Macedo Gonçalves

DIPLOMADO

Senhora Homem e criança

Nesta casa tem V. Ex. ao seu dispor grande e boa colecção de fazendas nos mais bonitos padrões e nas melhores qualidades. Visitar esta casa é ter a certeza de visitar bem. N.B. Brevemente inauguração de novas e modernas instalações.

B. Corte — Amare

TRIBUNA do CONCELHO

Estação Regional dos C.T.T.

O snr. Governador Civil do Distrito inaugurou oficialmente a nova Estação dos C.T.T. situada no largo Dr. Oliveira Salazar, da Vila de Amares.

— Todos devem reconhecer a necessidade da sua criação, não só pela categoria da própria terra, mas também e principalmente, pelo movimento verificado através de estatísticas que devem ser feitas pela Direcção Geral.

— Não se trata portanto de favoritismo ou influências que viessem trazer ao Estado mais um pesado encargo. A vida do Estado e a segurança da continuidade da situação política que gozamos, mal estava se dependesse da luz destes pequenos focos luminosos.

— Duas coisas parece que se verificam neste melhoramento. A Justiça que assiste à terra que a pediu pelo seu grande desenvolvimento, patente aos olhos de todos, e ainda em estímulo aos filhos de outras terras que se possam sentir despeitados, para se lançarem, como os Feiranovenses (alguns), para o campo da luta, para que se possam considerar «personas gratas» à Pátria e à sociedade. Só pode ser recompensado quem sabe cumprir o seu dever social e cristão e é esta doutrina seguida pelo Estado Novo, que lhe dá respeito, vigor e perpetuidade.

Como vemos, qualquer terra pode ser rica e progressiva, não pela extensão territorial, mas pela qualidade dos habitantes que, repudiando as comodidades e confortos palacianos, não esperam só que lhes chegue às mãos o ouro das suas miragens para ainda mais ofuscarem, a sua e a felicidade dos outros, com afrontas condenadas pela própria doutrina cristã em que as nossas consciências se fundiram.

Que o exemplo destes filhos pródigos de virtudes, seja a semente germinadora da felicidade e do alheamento a intrigas corrosivas das boas relações sociais e da felicidade da Pátria que tantos exemplos espalhou e que a tornaram a maior do Mundo espiritual, são os votos de um Amarense que, se na vida social confunde as almas, selecciona os homens que merecem exaltação pública e respeito comum sem outro fim que não seja, tirar da vida todo o proveito, e da conveniência alguma consideração pelo desinteresse que o anima para com todos - filhos do mesmo Deus.

Elisio Gonçalves

CICLISMO

João Gomes e a equipa de Ovar foram os brilhantes vencedores do Circuito de S.to António de 1959, concluindo a prova em 2,34.50, à média de 32,083

A equipa do Amarante conquistou a Taça F. C. Amares, seguida do Pejão, a quem coube a Taça Restaurante Flor do Cávado

Realizou-se no passado Domingo, pelas 10 horas, o circuito de Santo António de 1959, no total de 80 Km, que no ano passado foi incluído no programa geral das Festas Antoninas de Amares.

Este importante número das festas, ultrapassou este ano todas as expectativas, tendo alinhado à partida 34 concorrentes, que compunham as equipas Leões d'A Modelar, Aldoar, F. C. do Porto, C. C. de Gaia, Amarante, Pejão, F. Holanda e Ovar.

A partida foi dada às 10 horas, tendo os ciclistas imprimido logo à saída grande velocidade à corrida.

A poucos kls. da saída houve as primeiras quedas provocadas pela derrapagem de um ciclista d'A Modelar. Todos os ciclistas vítimas da queda, felizmente sem graves consequências, se levantaram prontamente, e se lançaram a caminho de Caldelas, onde nu-

meroso público aguardava a sua passagem.

Naquelas importantes Termas, a caravana foi calorosamente aplaudida, mantendo-se nesse momento o polotão compacto.

Próximo de Rendufe, houve a primeira tentativa de fuga em que se evidenciou o ovariense João Gomes, mas a recolagem dos restantes não se fez demorar com especial relevo para Peixoto, que se mostrava atento e foi logo no encalço do seu perigoso adversário.

O local da saída foi passado pelos corredores, pela primeira vez a grande velocidade, tendo o público que acorreu em grande número aplaudido todos os concorrentes.

Nessa altura já se registavam alguns atrasados.

A descida para a Ponte do Porto foi feita em velocidade diabólica, tendo o polotão sido destruído completamente, mas por pouco tempo, pois em Crespos tudo seguia como anteriormente. Nova tentativa de fuga alarmou a caravana, desta vez do corredor do Amarante João Costa, mas os ovarienses atentos e contiantes na vitória, não se deixaram surpreender. Tudo voltou ao normal.

Nesta altura da prova, principiouse o notar a boa disposição dos ovarienses, muito bem acompanhados por Sebastião, Costa e Peixoto, este último um jovem de 16 anos com grande esperança no futuro. Os corredores atravessaram Adufe, Ponte do Bico e Rendufe voltando a passar pelo local da saída completando assim a primeira volta, sempre

tagem.

Aqui fica mais uma vez o nosso apelo e oxalá que não mais seja preciso voltar ao assunto, mesmo porque estamos a preterir tantos outros de extrema necessidade.

Dito isto, aguardamos melhores dias.

A. Fernandes

ovacionados nestas localidades por fortes aplausos do público carinhoso e entusiasta. Novamente a caminho de Caldelas, o nosso carro adiantou-se para controlar a passagem naquela localidade onde havia um prémio de passagem, oferta dos hóspedes do Grande Hotel de Caldelas.

Aí, a organização recolheu as dádivas dos hotéis da Bela Vista, G. Hotel Caldelas, Hotel das Termas, Pensão Machado, e ainda da casa José Fernandes, que patrocinaram este circuito. Numeroso público aguardava a passagem dos ciclistas para verem desta vez a arrancada para a meta do prémio particular.

Os corredores surgiram a grande velocidade e Peixoto adiantando-se de maneira impressionante, bateu sobre a meta o corredor Sebastião do F. A. que tentou também a sua sorte. Caminhava-se nesta altura já na segunda volta e agora à frente apenas 10 ciclistas se mantinham em boa pedalada. Depois de nova passagem pelo recinto das Grandes Festas e a caminho da Ponte do Porto, o con-

Continua na 5.ª página)

HUMORISMO

No Restaurante

Sentou-se o freguês no restaurante e, quando o criado lhe trouxe a lista, perguntou:

— O que é que há de melhor neste restaurante?

— A filha do dono da casa...

Toureiro

Joãozinho: queres ir para médico depois de acabares o liceu?

— Não, mamã: Quero ser toureiro. Prefiro matar touros.

Incendiou-se

Esposa:

— João, João, acabo de receber a notícia de que o avião onde viajava a mamã se incendiou.

Marido: — Caramba! Até que enfim!

Aniverssários Os serviços da D.C.T. no nosso Concelho

(Continuação da 1.ª página)

Fazem anos:

Hoje: o Snr. Tomé Silvério Gonçalves de Macedo. Segunda-feira: as snrs. Maria Aida de Sousa Pinheiro, Maria Rosa da Silva Dias e o Snr. Ulisses Valter da Silva. Sesta-feira: a Snr.ª D. Madalena Gonçalves Rodrigues.

* * *

Passa o seu 2.º aniversário, no próximo dia 26, a menina Emília Manuela da Cunha Victoriana.

Baptizado

Foi no passado dia 10 de Junho que na Igreja Matriz de Ferreiros se realizou o baptizado do Menino José Manuel Vidigal Gonçalves, filho da Senhora D. Apolónia Vidigal Gonçalves e do Senhor José Eduardo Macedo Gonçalves (industrial). Foram padrinhos o Senhor João Eduardo Gonçalves, D. mo C. te da G.N.R. do posto de Terras de Bouro e madrinha, por procuração, a menina Isabel Rojão Vidigal, residente em Lisboa.

cuar em caso de necessidade as zonas que devem receber essas populações e os mil problemas que se prendem com tão momentoso problema.

O nosso Concelho, do tipo C) da organização geral, pertence à zona da recepção e caberia-lhe receber 6.000 pessoas.

Foi descrito o estudo já feito com a menção da contribuição de cada freguesia e sugestionadas as alterações que podem e devem apurar-se. No fim da sua exposição o sr. professor Manuel Antunes foi felicitado pelo seu trabalho, na verdade completo e esclarecedor.

BOURO

A Ponte de Parada

Através deste conceituado Jornal, foi-nos possível tomar conhecimento de que a Urbanização do Distrito de Braga, informou as Ex. mas Câmaras de Amares e Vieira do Minho, que foi concedida a comparticipação do Estado para reparação da Ponte do Boco, ou seja a Ponte de Parada, cujo nome é mais conhecido. Confirmamos assim o que já tantas vezes nos informaram. Na simples intenção de ver satisfeito um desejo destes dois povos, Bouro e Parada de Bouro, Vamos martelar mais no assunto, pedindo aos responsáveis dos dois concelhos a sua imediata solução, que originará importantes benefícios às duas freguesias e, consequentemente, aos dois

concelhos.

Alguém nos informa que a comparticipação foi concedida em Outubro de 1957, portanto, há quase dois anos. Não haverá prazo de prescrição? Deixar que esse prazo prescreva seria falta, para nós, imperdoável. Já que as Ex. mas Câmaras não diligenciam para conseguirem subsídios do Estado, o que felizmente se vê atribuir a todos que os reclamam, sejam ao menos diligentes no aproveitamento das comparticipações, que outros solicitaram.

O interesse e a obrigação são iguais para os dois Municípios e seria injusto que qualquer deles não colaborasse na execução da obra, que terá extraordinária van-

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

dre de Deos, último Prelado deste Arcebispado e com as penas nella declaradas e pella forma estabelecida, ficando alem disso os transgressores sujeitos aos procedimentos da justiça, havendo denuncia em todas as mais occasiões, encomendo e rogo a todos q. por honra e decoro dos mesmos se observe a maior honestidade e reforma dos vestidos, conforme está determinado na Constituição Diocesana, tit.º 12, e debaixo das penas ali declaradas: Outro sim prohibo a todo o Eclesiástico o uzo de pantalonas largas por cima de botas, como genero de vestido impróprio da ordem e m.to reprehensível pelo escandalo que causa a toda a classe de pessoas que sabem ponderar a gravidade e modestia que deve resplandecer nos sujeitos dedicados ao Ministério do Altar, desejando nesta parte fazer observar as antigas Leis disciplinares já citadas, sem inovação das quaes depende grande parte do bom regulam.to do clero secular deste Arcebispado.

«O Povo fiel deve unir-se aos seus Pastores e ouvir sua voz, por isso, he indispensavel que nos domingos e dias santos de guarda concorra às respectivas parochias para celebrar com o seu próprio Pastor os sagrados Ministerios da nossa santa Religião, para se instruir no Cathecismo e nas praticas da piedade... porque do seu esquecim.to se tem seguido huma boa parte da funesta ignorancia em matéria de Religião, e à sombra desta lamentável ignorancia se tem propagado os erros e absurdos que há tantos annos perturbão a paz de huma e outra sociedade.

«Para atalhar hum tão grande mal, devem os R. dos Parochos ensinar com maior cuidado e assídua applicação o Cathecismo aos meninos e meninas p.a que estas tenras plantas cresçam iguam. te no temor do Senhor, e desde os primeiros dias da sua vida sejam conduzidos pelos caminhos rectos da Santidade e da justiça, observando o resp.to dos Pais negligentes em manda los ao Cathecismo e bem assim o resp.to dos adultos e Pais de familia que sem urgente necessidade faltão à Estação da Missa conventual de suas Parochias por costume, devendo entender se que as missas que se celebrão pelas capellas filiaes são tão somente p.a as pessoas que não podem concorrer à igreja matriz ou p.a aqueles que são necessários à guarda da casa ou se achão occupados em outras obrigações que se não podem deferir para outra ocasião oportuna, devendo assim mesmo quanto for possível alternarem-se...

«E para que as sobreditas Letras Apostólicas se publiquem e registem juntamente com esta Circular, e tenham o seu devido effeito: o Rev.do Desembargador, Vigario Geral desta corte, servindo de Provisor, manda expedir com a brevidade do costume as ordens do Estillo.

«Dada em Braga aos 28 de Fevereiro de 1829-Manoel Ramos de Sá».

E, para terminar, apenas o extracto de uma outra portaria de Junho de 1833:

«Fechai vossos ouvidos a essas vózes de sedução e erro, atendei as vózes da Religião, e consultando seus oráculos, achareis q. dois poderes forão estabelecidos para governar os homens — a Autoridade sagrada dos Pontífices, e a dos Reis. Huma e outra vem immediatamente de Deos, de Quem emana todo o Poder...

«Vós sabeis que a Autoridade da Igreja reside no Corpo dos Bispos, unidos ao primeiro Pastor...

«Daqui procede que ninguem se pode a si eleger Bispo ou Pastor, sem missão legítima; esta se prova por uma successão não interrompida que se remonta até aos Apostolos...

«Aquele que lhes não sucede he hum profano e extranho que a Igreja não conhece. Tal he, claríssimos Irmãos, Fr. Manoel de S.ta Ignês, religioso da Ordem Reformada de S.to Agostinho, o qual, bandeado com os rebeldes da cid.de do Porto, ousa em seus editos appellar se Governador e Vig.º. Capitular do Bispado do Porto, e inteiramente deste Arcebispado de Braga, nomeação do Snr. D. Pedro. Vós sabeis e eu o deixo dito, que o Poder Eclesiastico he independente do Temporal.

«Dizer-se, pois, Fr. Manoel de S.ta Ignês Vigario Capitular de hum Bispado onde ha canonicamente um Bispo e de hum Arcebispado onde ha hum Vigario Capitular canonicamente eleito, e dizer-se constituido por hum governo temporal e até ilegítimo, hé o scisma mais declarado que abertamente desata o laço da unidade...

«Graças ao feliz governo do nosso legítimo Rei e aos sacrificios q. toda a Nação há feito a bem da Sagrada Causa da Religião e do Trono, por cujos esforços, e sobretudo com o auxilio divino, esperamos acabar de debelar o monstro da rebelião e da anarchia...

(Continua no próximo número)

Princesa e Diplomata

(Continuação da 1.ª pág.)

desencantar a Princesa Margarida Rosa — esta nobre e dupla flor — e ficou encantado.

* * *

Sua Alteza, ao falar no Estoril, quase no final da triunfal visita ao nosso País, exteriorizou o agrado e felicidade que experimentou entre nós e referiu-se às «inesquecíveis e maravilhosas recordações» levadas daqui por sua irmã a Rainha Isabel II.

Frisou que a sensibilizaram os monumentos e as aldeias, a «linda» Capital, o povo...

Sublimou a Aliança que «é ainda hoje um elo firme entre nós, uma amizade entre duas nações, que já conta cerca de 600 anos, o que é certamente um máximo inigualado internacionalmente».

Referiu-se ao facto de Henrique «O Navegador» (O nosso Glorioso Infante) ser filho de mãe inglesa e ao casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra, princesa portuguesa que «ensinou os ingleses a beber chá».

O Tattoo Anglo-Português, segundo a Princesa Margarida Rosa, simbolizou o «aspecto militar da nossa Aliança» que permitiu às hostes anglo-lusas baterem-se, lado a lado, no tempo dos Cruzados, na batalha da reconquista de Lisboa, e, depois, na Guerra da Independência, na Guerra da Restauração, na Guerra Peninsular, na Grande Guerra.

Sob o aspecto comercial, rendeu homenagem ao vinho do Porto «base de um comércio muito florescente» e acentuou que a Inglaterra era, actualmente, o «maior comprador estrangeiro do mercado português» tendo, em compensação, muito que oferecer, como se constatava na Feira das Indústrias Británicas.

* * *

A visita da Princesa Margarida Rosa, serviu como que de pano de fundo à grandiosa exposição que a Inglaterra fez instalar em Lisboa e que foi, acima de tudo, expressiva manifestação de vitalidade e poderio industrial; 240 grandes empresas inglesas mostraram os seus produtos, exuberante; o Electra II foi, só por si, uma segunda exposição embarcada; e o colorido dos festivais militares e desportivos, coroados pela visita da Princesa Margarida, deram-lhe carácter festivo e leveza de forma, neutralizando o aspecto mercantil, que era a sua directa finalidade.

O espirito de oportunidade, tão altamente cultivado pelos ingleses de todos os tempos, mais uma vez se fez sentir nesta altura em que já se começam a ensaiar os primeiros passos do II Plano de Fomento.

Disse-nos a Inglaterra que deseja ser o nosso primeiro fornecedor!

E, na realidade, desde que a Inglaterra é o nosso primeiro comprador, parece que por todos e por mais este motivo,

deverá ter direito a ser também o nosso maior fornecedor.

Ficou a conhecer-se, bem de perto, que tem, realmente, muito que oferecer e, certamente, desde que nos sejam feitas condições idênticas às dos outros fornecedores, como nação amiga e aliada, terá a preferência, tanto mais que a tradição comercial entre as duas nações é ainda anterior à sua própria Aliança.

Quando em 1373 foi assinado o tratado de paz, amizade, união e aliança, na Catedral de Londres, em que interviram Vasco Domingues, chantre da sé de Braga, e o cavaleiro da Ordem de S. Tiago, Pedro Dingo, já em 1294 (D. Dinis) e depois em 1353 (D. Afonso IV) as relações anglo-lusas se regulavam por valiosos tratados de comércio.

Muitas circunstâncias militam, portanto, para que as relações comerciais se intensifiquem e até, como já temos visto comentar, o desongelamento daquela dívida acumulada durante a Guerra, de seis milhões e oitocentos mil contos, de que somos credores da nossa Aliada, poderá favorecer os grandes fornecimentos exigidos pelo nosso Plano de Fomento, desde que tenha viabilidade.

As boas relações — as melhores possíveis — entre as duas aliadas, fomentarão a necessária política de boa vontade que acautelará os interesses das duas nações e lhe permitirá lançarem-se em um

plano económico conjunto que torne possível o sonhado mercado livre europeu, para que tão afanosamente trabalham.

Curioso é notar que, enquanto se faz propaganda em Portugal para vender mais produtos ingleses, fomenta-se a venda em Inglaterra dos produtos portugueses, simultaneamente, como que a preparar um ensaio para o mercado livre.

* * *

Margarida Rosa foi protagonista de todo este jogo de amizades e interesses, como excelente diplomata que é, e deu um ar de sua graça a tudo isto, com a sua gentil presença e afabilidade.

Os portugueses corresponderam com a habitual hospitalidade e simplicidade de maneiras.

Que esta mútua simpatia cresça, como neste momento cresce a árvore que plantou no Calhariz, junto à que ali viceja, plantada há dois anos por sua irmã Isabel II; e que a amizade e prosperidade anglo-lusas se transformem num «mar de rosas», que se multipliquem aos milhares, com as mil que Portugal mandou em companhia de Margarida Rosa e que foram florir os palácios de Buchingham e Clarence House, abundantemente, como simbolo da graça e perfume daquela outra «Preciosa» Rosa que a Inglaterra mandou a Portugal.

EME

Tribuna de Vieira

(Continuação da 3.ª página)

binha Branca, Senhora da Paz.

Vale a pena ir a Fátima para viver umas horas felizes; até dá vontade de exclamar:

Se o céu for assim vale a pena ir lá.

Dizia alguém: «estas extravagâncias religiosas só deixam atrás de si saudades e grandes consolações»; e isso é verdade; é ver essas extravagâncias mundanas que só deixam atrás de si desgostos e um vácuo que não se enche por mais que experimentem, por exemplo o cinema, romances, etc. Ao passo que as outras, sim, encham o nosso espirito. Só quem experimenta é que pode dizer o que sente.

No regresso, pela Batalha, onde recuperamos de novo as forças esgotando os merendeiros e os garrafões, admiramos esse grande monumento histórico de Aljubarrota com os seus ricos rendilhados artísticos e os troféus das Vitórias.

Finalmente, em direcção à Figueira da Foz onde passamos uma tarde esplêndida junto ao mar, onde se travou a célebre batalha de areia.

Passamos ali a noite de Sábado para o Domingo e após a missa dominical, mais

umas horas na praia!!!

Depois de almoço, em direcção ao norte ainda visitamos Aveiro, Espinho e aqui foi a última estadia na praia, Porto onde jantamos, e meus amigos, assim terminou uma jornada. Chegamos todos com a máxima alegria à Vila de Vieira do Minho, à 1 hora da noite, acordando muitos que dormiam o sono da meia noite.

Parabéns a todos os Viejenses que tomaram parte, pelo modo como se conduziram e pela obediência que prestaram ao seu dirigente.

Espero que para o ano, se Deus quiser, faremos outra visita ao Altar do Mundo — Fátima, e então será no ano de 1960, ano da revelação do segredo que N.º Senhora confiou a Lúcia.

Nossa Senhora de Fátima dai a paz ao mundo e converteí a Rússia!

P.º António Pereira Lopes

«Tribuna Livre» vende-se em Braga no Quiosque Central do Largo do Barão de S. Martinho.

Assina e propaga a «Tribuna Livre»

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGÓS M. DA SILVA)

N.º 35

(CONTINUA)

Cap.º 8 — defuntos-Usu dos Defuntos desta Freg.a sam obrigados cada hum defunto a deixar tres officios por sua alma conforme as suas possibilidades; paga se a cada hum sacerdote a sete vintens a seco, e avendo beverete consta de oito reis de pam e dois ovos e hum cartilho e meio de vinho; e dar sera p.a o altar maior e para os mais collaterais emcoanto se lhe faz o officio e canta a misa.

Cap.º 9-da sera e obrada—a deixar no altar maior dois palmos de candeia, e hum de cada obrada do officio do corpo presente; a obrada do officio do corpo presente ha de valer dois testoins porque ha de trazer duas broinhas de pam ou meio alqueire de milho e duas canadas de vinho e meia duzia de obos ou sardinhas; e a do segundo e terceiro officio ha de valer cada huma cento e vinte reis — porque ha de trazer huma broinha de pam ou hum carto de milho e huma canada de vinho e meia duzia de obos ou sardinhas, cada huma obrada.

Cap.º 10 — da reza anual — Este uso desta Freg.a acerqua da Reza anual por cada defunto a pagar no cabo do anno, sendo a seco, querendo o parochio, mil e duzentos; deixando o herdeiro cada hum domingo hum palmo de candeia, ou mil e quinhentos e sesenta reis sem candeia, que essa a torna a levar o herdeiro quando ofrecer, porque sam todos os herdeiros dos defuntos a ofrecer todos os domingos ou por outra pessoa; e deixando sempre candeia de um palmo; e estes sam os usos dos defuntos e nada mais — e declaro que ainda que se diz asima que a obrada anual havia de valer sincoenta reis, declaro que nam valera mais que trinta reis cada huma que se oferecerá. — E sam mais obrigados os Fregueses a ofertar os Baptizados com oferta de dois pains de dezaseis reis cada hum e assim he nos recebimentos dos casados; e coando trazem a criansa a ofertar a Igr.a a primeira vez trazem hum pam de dezaseis ou hum Frango de vinteim — digo hum frango.

Cap.º 11 — E sam tambem obrigados os Fregueses a fazerem todos os annos huma misa cantada a nosa Snr.a do Rosario, e outra a Nome de Deus, de coatro ou sinco clerigos pagando a cada sacerdote a cem reis; que para estas misas cantadas fazem cada anno hum mordomo; e nam havendo quem o queira ser he obrigado o parochio a eleger aquelle homem que lhe parecer a elegello; e para hestas misas cantadas he obrigado o Juiz da Igr.a a pagar duzentos reis p.a cada huma misa cantada por ser hesta devosam m.to antiga e os mordomos a dar outros duzentos Reis cada hum p.a sua misa cantada.

Cap.º 12 — das confradias — Sam os Fregueses obrigados a paguare para as tres Confradias da Igre.a, que vem a ser a de Nosa Snr. do Rosario e a do Nome de Deus e Subsino, como he e se lhes chamam, tres cartos de pam ou tres vinteins pera sera destes altares e p.a paguarem os juizes que servirem na Igr.a os duzentos reis p.a cada misa cantada.

Cap.º 13 — misas — Sam tambem obrigados a mandar dizer cada hum annos doze missas pello nome de Deus, que vem a ser hua cada mes e sam de esmolla de coatro vinteins cada huma.

Cap.º 14 — da sera — E he mais obrigado o Juiz desta Igr.a a dar seis lumes coando o Snor. for aos Infermos — dois p.a acompanhar a cruz e coatro p.a acompanhar o S.S. como os dois das alinternas.

Cap.º 15 — da sera p.a os defuntos — E he mais obrigado coando falecer algum defunto a levar a porta do defunto seis lumes e asendellos emcoanto se canta o *memento*, e chegando a porta da Igr.a a tornallos a asender e dipois pollos no esquite e coando se der a sepultura asender toda a sera que estiver ou tiver a Igr.a.

Cap.º 16 — da condenaçam da gente que faltar — E he obrigado o Juiz da Igr.a fazer Rol da gente e condenar as pessoas que faltarem principalm'te hua de cada casa no acompanhamento do S.S. Sacramento, coando for aos Infermos ou aos defuntos ou as procisoins que vam fora.

Cap.º 17 — Cruz e obrigaçam do mordomo — E nam tem mais usus esta Freg.a do que aqui se declaram e declaro que he obrigado o mordomo da Cruz a levar a Cruz a todas as procisoins que vam fora da Igr.a e na Igr.a e he obrigado a barrella ou mandalla barer por si ou pessoa de sua casa e buscar agoa p.a se benzer e aparelhar as galhetas e buscar lume p.a a Igr.a e esteia em casa do parochio — e nam ha mais usus nesta Igr.a de Sam Joam da valança que aqui se ponham mais que os asima declarados nos capitulos de que foram feitos em presenca do Juiz da Freg.a

(Continua no próximo número)

Programa da visita do Chefe do Estado a Braga em 24 de Junho

As 17 horas, chegada de Sua Excelência o Senhor Presidente da República ao Arco da Porta Nova, onde, após ter passado revista à Guarda de Honra e a mesma ter desfilado perante êle, será saudado pelas entidades oficiais que forem convidadas para o efeito.

De seguida organização do cortejo em direcção aos Paços do Concelho, com o seguinte itinerário: Rua D. Diogo de Sousa, Largo da Misericórdia, Largo do Paço, Rua do Souto, Rua Francisco Sanches, Rua Eng.º José Frederico Ulrich e Praça do Município.

As 18 horas—Sessão de boas-vindas e cumprimentos no Salão Nobre da Câmara Municipal.

As 18,20 horas—O Chefe do Estado, de uma das janelas dos Paços do Concelho assiste à exhibição dos ranchos folclóricos que, de toda a Província do Minho, ali acorrerão para homenagear o Supremo Magistrado da Nação.

As 19 horas—Chegada à Biblioteca, de Sua Excelência, de onde assistirá à Procição dos Santos do mês de Junho que, este ano, atingirá excepcional brilhantismo.

As 21 horas—Banquete oficial no Salão Medieval do Arquivo Distrital de Braga.

À noite grandiosas iluminações e festival popular em toda a cidade.

CICLISMO

(Continuação da 3.ª página)

corrente de Ovar sofre forte queda, tendo de abandonar a prova, ficando agora os dois ovarenses a comandar as operações, sempre bem vigiados por Peixoto, Sebastião e Costa. Estava próximo o golpe final deste circuito. Na subida para Crespos, António Gomes de Ovar tentou a fuga que durou cerca de 1 Km., e nessa altura apenas 4 corredores foram no seu alcance, Peixoto, Sebastião e o irmão do fugitivo. Próximo de Adaúfe, Peixoto ficou para trás por avaria mecânica e o ovarense aproveitou a deixa para voltar a adiantar-se, chegando a ter um avanço de cerca de 300 m., que durou até a Confeiteira, pois Sebastião e Costa voltaram a perseguir o fugitivo. Agora na frente só 4 corredores com Peixoto, atrasado cerca de cem metros, devido à avaria sofrida, mas pedalando á boa velocidade tentando recolar.

Próximo de Lago o corredor d'A Modelar tinha reduzido a diferença e tudo indicava a sua rápida recolagem quando

Notícias das Caldas do Gerês

No dia 14 realizou-se a Festa em honra de Santo António, tendo corrido todos os actos na melhor ordem e solenidade. Foi pregador o R.º P.º Manuel Barbosa de Castro, de Vieira do Minho, que através dos auto-falantes se ouvia a sua voz sã e bem explícita, por todo o lugar termal.

A banda de música era também de Vieira do Minho, a dos Bombeiros Voluntários, que se exhibiu até depois da meia-noite.

Eram juizes da Festa, o Snr. José Alvaro Rodrigues Ribeiro e a Snra. Maria Miranda, que quando nomeados no ano passado, causou uma certa graça. São pessoas da nossa consideração e gostaríamos que esse dia festivo tivesse sido para eles

nova avaria lhe surgiu, tendo ficado desta vez à espera que lhe cedecem uma máquina. Prontamente foi atendido mas a prova estava no final e já não havia tempo para mais. Nesta altura adiantamo-nos aos corredores e fomos para a meta de chegada, com a ideia fixa de que os ovarenses iriam triunfar, pois a meta instalada numa subida, favorecia os encarnados que se mostravam bons trepadores. Assim aconteceu, Surgiram na curva que antecedia a meta os 4 ciclistas com Sebastião da equipe de F. Holanda, adiantado mas os dois irmãos ovarenses, mais uma vez provaram a sua facilidade em subir, levantando-se e arrancando irresistivelmente.

A classificação deste circuito foi a seguinte:

- 1.º João Gomes—Ovar;
- 2.º António Gomes, »
- 3.º Sebastião Baptista-F.H.
- 4.º João Costa-Amarante;
- 5.º Manuel Peixoto-Modelar
- 6.º Samuel Marques-Aldoar
- 7.º Laurentino P.-F. C. Porto
- 8.º A. Malheiro-Pejão
- 9.º Baptista Leão, »
- 10.º A. Magalhães, »
- 11.º Fern. Dores-Amarante
- 12.º M. Amorim-F. C. Porto
- 13.º Domingos Ferreira-Ald.
- 14.º António Sousa-Modelar
- 15.º Albino Pereira-Aldoar
- 16.º José Araújo-Modelar

Equipas

- 1.º — Ovar — 3 Pontos
- 2.º — Amarante — 15 pontos
- 3.º — Pejão — 17 pontos
- 4.º — Leões Modelar — 19 p.
- 5.º — Aldoar — 19 pontos
- 6.º — F. C. Porto — 19 p.

No final da prova foi feita a entrega dos prémios, tendo os corredores sido muito aplaudidos pelo público que soube corresponder ao seu esforço. E assim terminou de forma brilhante este inesquecível circuito de Santo António, de 1959.

M. Janela

coroado com outro acto solene.

Ao pálio pegaram as pessoas de maior destaque, abrilhantando assim a primeira festa deste ano, realizada nestas termas. Via-se gente de muitas partes e até internacional. É pena que a nossa fronteira da Portela do Homem não fosse aberta, como é desejo de muitos, porque o Gerês só teria a lucrar e não se diria como muitas vezes se houve, que o Gerês não progride.

Dr. Xavier de Araújo

Já se encontra melhor o Snr. Dr. Xavier de Araújo, que conforme noticiamos, sofreu um desastre de moto. Desejamos-lhe o mais rápido restabelecimento, para poder retomar o seu serviço de clínica, que mesmo assim como se encontra, com um pé metido em gesso, atende com todo o carinho as pessoas que o procuram.

Doente

Encontra-se enfermo o nosso amigo Snr. Baltazar da Silva, a quem desejamos o seu rápido restabelecimento.

Anúncio

Pelo Juizo de Direito desta comarca correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, Arminda Gomes de Abreu e marido Manuel Cardoso de Abreu proprietários, residentes no lugar do Barrio, Freguesia de Ferreiros, Amares, para no prazo de dez dias, posterior ao dos editos, deduzirem os seus direitos na execução que contra aqueles move o Dr. António José da Costa, advogado, residente em Braga.

Vila Verde, 20 de Maio de 1959.

O Chefe da 1.ª Secção,

Mário Mendes Galinha

Virifiquel

O Juiz de Direito

Manuel Alves Peixoto

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Visado pela Censura

Carta Aberta

(Continuação da 1.ª página)

zar. Todo o bom bourense devia lê-lo com alma e coração»...

Para que mais citações? Não é o autor que se felicita, mas a doutrina que se preconiza.

O plano de melhoramentos, que diz respeito à Abadia, não interessa somente aos Bourenses. A Senhora da Abadia —pela sua origem, pelo seu culto, já de tanta projecção no alvorecer da Nacionalidade, tendo merecido as honras de vir aqui o próprio Afonso Henriques implorar auxílio para vencer os Leoneses nos Arcos de Valdevez— não pode deixar de ser equiparada a monumento nacional e de, por tudo, merecer o auxílio de toda a Nação.

Vós, Bourenses, já tendes o caminho indicado: «O ressurgir da Abadia» «nada tem que se possa dispensar ou desprezar. Todo o bom bourense devia lê-lo com alma e coração». Mas a sua doutrina convém a todos os Portugueses: «Oxalá ele tenha o eco que merece». Deveis, pois, fazer a propaganda do livro, para que, sendo lido, «fale às almas boas deste País», e estas venham a reconhecer que lhes cumpre interessar-se pelo ressurgimento deste venerável «Altar do Céu».

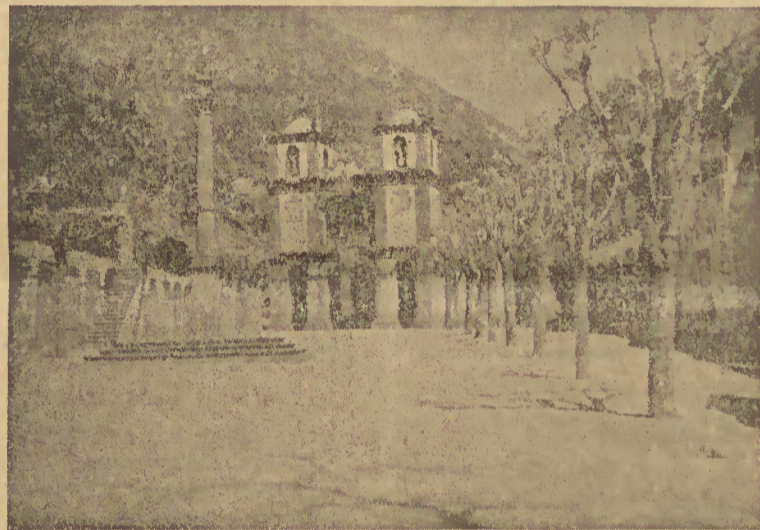
Mas, importando especialmente que «fale às almas boas desta região», necessário se torna que—de um modo muito particular—todos os Amarenses e Terra Bourenses cooperem convosco na realização dos grandes melhoramentos que virão transformar a Abadia num importantíssimo centro de piedade, numa encantadora estância de turismo,

de repouso e de cura até, que serão a glória dos povos de entre Cávado e Homem.

Organizai comissões em cada centro onde haja, entre bourenses, amarenses e terra bourenses, meia dúzia de conterrâneos nossos. Abri subscrições com listas de subscritores em casas comerciais de inteira confiança e em diferentes zonas. Tomai as medidas indispensáveis para evitar vingarices.

Sede vós Bourenses, os primeiros a subscrever com o máximo que as vossas possibilidades permitam. Fazei o sacrifício de dispensar um passeio, uma distração ou qualquer outro passa-tempo e já tereis a quota precisa para subscrever.

Fazei propaganda das belezas deste recanto do nosso País, das características que o tornam quase único, senão único em Portugal, e do quanto importa que todos o conheçam, participem dos seus dons celestiais e gozem os seus encantos.



Cruzeiro e Santuário da Abadia

As listas dos subscritores serão depois por vós recolhidas e remetidas à Confraria para serem reunidas em «Livro de Honra» em homenagem aos subscritores.

Em geral, Amarenses, Terra Bourenses, crentes deste ridente e inigualável Minho e de todo este «jardim da Europa à beira mar plantado», a Senhora da Abadia apela para o vosso amor, para a vossa dedicação de filhos queridos, a quem ela não se cansa de abençoar. É a Mãe de Portugal e espera que todos os Portugueses lhe não neguem o seu auxílio, como Ela jamais lhe negou as Suas graças, mas antes sempre se tem comprazido em lhas dispensar.

A todos vós, desta Tebaida da Abadia, «de graças fonte perene», ao perto, ao largo e ao longe, a todos e cada um de vós, vos saúda,

O reitor do Santuário da Senhora da Abadia,

Pe. Francisco Antunes de Almeida.

Tribuna de Vieira

Peregrinação a Fátima

—No dia 12 do corrente saí da Vila uma peregrinação a N.ª Senhora de Fátima.

Decorreu num ambiente deveras alegre e sempre toda a gente com boa disposição de espírito.

É verdade, não houve a mínima nota discordante.

O percuso foi maravilhoso. Na ida, pelo interior, entre outras terras, admiramos as belas estâncias do Luso e Buçaco, onde não faltou o apetitoso merendeiro e o benfezejo verdinho.

Continuando a viagem, chegamos à cidade universitária, onde subimos ao penedo da Saudade, donde se vislumbra um belo panorama.

Perto, avistava-se o campo de Futebol e uma piscina, tão necessários na nossa Terra, para ocupar esta juventude sedenta de passatempos.

Mais uma etape no caminho, e eis-nos no termo da viagem—Fátima.

Logo chegados a esse lugar bendito, fomos fazer uma visita à Capelinha das Aparições, onde rezamos pelos que ficaram e pelo bom resultado da virgem.

Passamos a noite a cantar e rezar.

A procissão de velas dava a ideia do céu estrelado numa noite escura.

Houve a nossa hora de adoração especial da 1 às 2 h. da noite, feita por mim.

De manhã, comunhão geral, e às 7 h. 30 tive a grande graça de celebrar na Capelinha das Aparições, on-

de me sentia enlevado pelo ambiente sobrenatural que ali se respira.

Todos os meus peregrinos assistiram à missa e que bem ali se sentiam.

Em alguns, as lágrimas não cessavam.

Foi a *Sta. Missa* que celebrei em Fátima!

Oh! que alegria e que consolação interiores a gente ali sente; não sou capaz de as exprimir; só quem experimentar!!!

Depois fomos a Aljustrel visitar as casas dos Pastorinhos, onde travamos conversa com os irmãos e outros familiares, entre os quais entrevistamos a irmã de Lúcia: a Snra. Maria dos Anjos.

Foi esta visita, uma das passagens mais lindas e comovedoras de toda a nossa viagem.

Quase ninguém se continha sem lágrimas ao ver aquelas paredes, aquelas quartos onde nasceram os pastorinhos, aqueles caminhos abençoados pelos seus passos, e, aqueles contemporâneos que nos contavam coisas interessantes...

E ao terminar a nossa romagem, assistimos à missa dos doentes, rematando com a *bênção dos doentes* e o adeus à Virgem, cerimónias que fazem amolecer todo os corações, ainda os mais endurecidos. Não há coração por mais duro que seja que ali não amoleça.

Que saudades ao ver tantos lenços no ar a acenar em sinal de adeus à linda *Pom-*

(Continua na 4.ª página)

Folhetim de «Tribuna Livre, 104.

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

Há homens que, depois de duas ou três pisadas, não podem fazer mais, visto ficarem com as pernas feridas, ao ponto de infectarem.

O mosto fica no lagar ou nos dornões a fermentar (a ferver como diz o camponês) e o cheiro é tão activo que se uma pessoa tivesse a infelicidade de cair dentro, principalmente de um dornão, morria por asfixia.

O bagaço fica a descoberto e para não azedar é mergulhado, todos os dias, no mosto; depois de acabar a fermentação e do vinho clarear abre-se o lagar e o precioso líquido passa por uma caleira para uma dorna que foi prepositadamente colocada e adaptada ao fim.

Com os cântaros em acção, o vinho é deitado nos balseiros, nos toneis e nas pipas; a isso chama-se «fazer o vinho».

O vasilha-me, depois de cheio, fica com o batoque aberto para que o vinho não volte a «ferver» e se estrague.

Só pelo S. Martinho é que se fecha hermeticamente o vinho, apondo-lhe os batoques.

Durante a pisada há quem goste de beber mosto, visto que é muito doce, mas os efeitos não se fazem esperar e, muitas vezes, em maiores proporções do que se tivessem ingerido 30 gramas de sulfato de sódio...

Na «feitura» do vinho também não fazem cerimónias ascom

provas e ao cabo e ao fim, quando termina a faina, em vez de irem ceiar vão para a cama que, por vezes, dá-lhes a desagradável sensação de que anda à roda...

As espigas de milho são levadas para a eira e estendidas ao sol e quando estiverem devidamente secas, depois de escolhidas, vão para os espigueiros (canastos) até serem debulhadas.

Na época própria tiram-se, novamente, dos espigueiros para a eira e são debulhadas com mangoais, como sucedeu ao centeio; um grupo de mulheres, de engãos em punho, separam o grão dos caroços e tiram estes para as margens da eira que, depois de guardados, mais tarde são utilizados como combustível na cozinha e a moíha é aproveitada para encher os travesseiros e almofadas das camas, à falta de saumaúma.

O grão — o milho propriamente dito — é estendido na eira durante alguns dias e depois, de devidamente sêco, é guardado no celeiro ou, na falta dêle, nas grandes arcas.

A vida no campo, embora dura, e por vezes extenuante, é alegre e sadia e o camponês minhoto identificou-se com ela tão harmoniosamente que lhe consagra todo o esforço que é cheio de beleza e de poesia

O minhoto é, por temperamento, alegre e dinâmico e a sua esfuizante alegria e dinamismo exteriorizam-se em todas as manifestações da sua vida, quer nos árduos trabalhos do campo, quer nas graciosas danças e hilariantes descantes.

As festas são mais religiosas que profanas, ao contrário do que sucede com as romarias.

(CONTINUA)